

Salvação Pessoal e Engrandecimento de Cristo em Filipenses 1, 19s

Análise Exegético-Teológica

INÁCIO STRIEDER, S. J.

PERSONAL SALVATION AND MAGNIFYING OF CHRIST IN PHILIP. 1, 19 f.

In this text, written while in prison, St. Paul expresses his hope in the future, and he is confident that Christ is to be magnified in his body. This hope is based on the living experiences of the apostle himself, experiences which were felt in two levels: first, through a religious tradition of his people as is concluded through the analysis of the parallel texts of the Old Testament and the extra-canonical literature²; second, through situations in the religious life itself. St. Paul's hope thus doesn't become real only in an immediate improvement of his condition as a prisoner, but mainly in the final salvation since it is manifested through signals here and now. All this hope is centralized in the exaltation of Christ in his body, i. e. in the apostle himself. St. Paul doesn't run after his own magnifying, but Christ's.

"Pois sei que isto me resultará em salvação (Jó 13, 16), graças às vossas orações e ao socorro do Espírito de Jesus Cristo. Minha expectativa e minha esperança são que em nada serei confundido, mas que agora como sempre, Cristo será engrandecido publicamente no meu corpo, quer pela vida quer pela morte".

Em Flp 1, 19s S. Paulo nos dá uma idéia de suas esperanças pessoais para o futuro. Como conclusão espera o engrandecimento de Cristo em seu corpo. Este desejo, no entanto, só se tornará inteligível se conhecermos o contexto em que está baseado. Examinando o

trecho que precede esta passagem, constatamos que as esperanças paulinas se fundamentam em experiências vivenciais. Tais experiências pessoais se combinam com a tradição religiosa do Antigo Testamento, a partir da qual Paulo interpreta a sua situação presente e alimenta as esperanças e certezas com relação ao futuro. É necessário ter presente que o Apóstolo dos Gentios, na ocasião em que escreveu a Carta aos Filipenses, estava encarcerado, provavelmente em Efeso. Encontrava-se, pois, numa situação difícil, já que, com base em cálculos racionais, não podia prever a sorte que o esperava. Tanto a liberdade como a morte entravam dentro das suas conje-

turas. Com base na tradição religiosa de seu povo, no entanto, Paulo deve ter tido consciência de que não era o primeiro justo a enfrentar-se com tal situação. Na literatura do AT, que certamente lhe era familiar, havia outros exemplos de justos sofredores (1). Como ali os justos não são confundidos, mas a sua sorte ao final serve para o engrandecimento de Deus, assim espera Paulo que em breve lhe seja feita justiça. A justiça que lhe cabe é a salvação, como consequência da qual Cristo poderá ser novamente engrandecido por ele publicamente. A situação de Paulo, como Flp 1 a descreve em parte, possui semelhanças reais com a situação do justo sofredor no AT. Na situação desse justo apresentam-se geralmente os seguintes elementos:

1 — Dificuldades na vida — inimigos.

2 — Vivências de fé — consciência da própria justiça.

3 — Luta por Deus — combate aos opressores.

4 — Deus toma posição:

a) contra os opressores do justo.

b) a favor do justo.

5 — Esperança na salvação.

6 — Os injustos e opressores são confundidos e envergonhados.

7 — Ao final vem a salvação do justo e o engrandecimento de Deus.

Este esquema parece estar na base das reflexões de Paulo em Flp 1. Claro, já com uma alteração fundamental: o que na literatura ve-

terotestamentária se atribui a Deus, Paulo o atribui a Cristo, de modo que no v 20 o Apóstolo espera o engrandecimento de Cristo, e não o engrandecimento de Deus, como seria o caso no AT.

Paulo faz o engrandecimento de Cristo dependente da realização de sua esperança de que em nada será confundido. Portanto, para o Apóstolo, o engrandecimento de Cristo depende da sorte de sua pessoa. Se ele for confundido ou envergonhado, Cristo não poderá ser engrandecido. Isto significa: se provarem que ele não tem razão, ou que a sua doutrina é falsa, então também Cristo não poderá crescer. Seu Evangelho é o Evangelho de Cristo, de modo que Cristo não poderá propagar-se se ele, Paulo, estiver em falso caminho e for confundido. Isto é o mesmo que dizer: "Se a minha doutrina é falsa, então a vossa fé de nada serve e Cristo não é o Salvador". Mostra-se já aqui, em outra forma, o argumento radical de 1 Cor 15, 17, onde diz: "Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda estais em vossos pecados". Mas o que poderia confundir ou envergonhar ao Apóstolo, de forma que o engrandecimento de Cristo fosse impedido?

Certamente não é o sucesso ou o insucesso na vida, pois estes são aspectos de nível social, enquanto que para Paulo se trata de problema religioso. Para testar o que na vida religiosa possa ser vergonhoso ou confundir alguém perante Deus, existem numerosas passagens no AT e NT, bem como em literatura contemporânea de S. Paulo e dos primeiros tempos do cristianismo. Fundamentamos as nossas considerações numa seleção de tais passagens.

(1) Cf. Sl (LXX) 33 e 34; Jer 12; o livro de Jó; como comparação também serve I QH 4 e 5.

1. No Antigo Testamento

a) *Os salmos* (2)

O salmista tem a consciência de que as suas preocupações também são as preocupações de Deus, e que os seus inimigos também são os inimigos de Deus. Por isso, pede em suas orações que seus adversários sejam confundidos e exterminados. No plano de adversários estão todos os que planejam o mal contra ele; os que se alegram com as suas desgraças; os que o acusam e oprimem com injustiças, por ser servo de Deus. Também merecem ser confundidos e envergonhados os infiéis, os pecadores, os blasfemos e idólatras. Igualmente os que odeiam Sião e não observam os mandamentos de Deus.

Por outro lado, não será confundido, segundo a consciência do salmista, quem confia em Deus e nele espera; quem invoca a Deus e o procura; quem observa os mandamentos de Deus e prega o seu testemunho. E, finalmente, não podem ser confundidos nem envergonhados os servos de Deus, já que Deus os ajuda e consola.

b) *Em passagens do AT* (3), fora dos salmos, em que se fala em "ser confundido", ou em "ser envergonhado", voltam quase sempre os motivos do saltério:

— Envergonhados serão os homens por serem inimigos de Deus e, com isso, chamarem sobre si a justiça divina. Os infiéis, os pecadores e os adoradores de falsos deuses serão destruídos. Envergonhar-se deve aquele que pratica

desmandos diante do pai e da mãe, e quem mente ante as autoridades.

— Não envergonhado será quem reconhece os pecados e crê no fundamento de Sião, a escolhida e preciosa pedra angular...

2. Nos textos de Qumrán (4)

A espiritualidade dos fiéis de Qumrán está sem dúvida influenciada pela religiosidade dos salmos. Por isso, os "Filhos da Luz" de Qumrán esperam que, em momento oportuno, Deus confundirá em seu julgamento todas as obras enganosas e pecadoras. Aqueles que não observarem as determinações divinas serão destruídos neste julgamento. Como o salmista, o devoto de Qumrán considera a sua causa como sendo a causa de Deus. Por isso é o próprio Deus que dirige o seu combate e fará valer os direitos dos "santos". Ser adversário dos filhos da luz é ser inimigo de Deus e merece, por isso, ser confundido e envergonhado. Mas todos os que se colocarem sob a proteção de Deus e caminharem nos caminhos de seu coração, não serão cobertos de vergonha. A justiça de Deus enche o seu servo de alegria e júbilo.

3. Nos escritos de Filo de Alexandria (5)

Em Filo não aparece mais o justo em luta com o adversário, para o qual pede a Deus confusão e aniquilamento. Filo fala da alma virgem, vergonhosamente manchada por paixões desenfreadas. Como a

(2) Sl (LXX) 6, 10s; 24, 3; 30, 18; 34, 4, 26; 68, 7, 25; 69, 3; 70, 13, 24; 82, 3, 18; 85, 17; 96, 7; 108, 28; 118, 6, 46, 78, 80; 128, 5.

(3) Jer 12, 12s; Is 1, 28s; 28, 16; Str 4, 26; 41, 17.

(4) I QS 4, 19ss; I QH 4, 23ss; 9, 22ss.

(5) Leg all II, 65; De cher 51; De conf ling 49; De migr Abr 33, 34, 22s; De Jos 87; De spec leg I 320, 321; IV 6.

alma, também a paz pode ser vergonhosamente manchada. Para ele existe a inimiga do mal, a justiça, que vence os exércitos daqueles que confundem a virtude. Falta de vergonha possuem os homens maus. Quem pratica atos vergonhosos e repreensíveis procura esconder-se e envergonhar-se. Os homens ainda se envergonham, quando deixam de praticar o bem, ou quando os seus atos maus ficam públicos.

Por outro lado, o crente não deve envergonhar-se em tornar pública a graça de Deus em seu interior, nem esconder-se quando praticou atos louváveis, pois é necessário que a virtude se torne pública.

4. No Novo Testamento (6)

Diferentes passagens do NT falam em "envergonhar-se e ser confundido". O Administrador Infiel envergonha-se de pedir esmolas. 1 Jo 2, 28 convida, com forte tonalidade escatológica, os cristãos a permanecerem em Cristo também nas tribulações, pois assim não serão envergonhados na sua vinda. Na mesma direção vai o que está dito em I Pe 4, 16, onde não tem motivos de envergonhar-se quem sofre por ser cristão (por causa do nome de Cristo). Em Rom. 10, 9, 11, Paulo identifica a Pedra Angular, da qual Is 28, 16 havia profetizado, com Jesus. Isto significa para o Apóstolo: "Quem crer em Jesus, não será confundido". Por isso, também não pode ser confundido por se ter gloriado com o poder que o Senhor lhe deu para a edificação

da comunidade (2 Cor 10, 8). Não se envergonha do Evangelho, pois é uma força de Deus para a salvação daqueles que crerem (Rom 1, 16). I Pe 2, 6, como Rom 9, 33, ensina que não será confundido quem crer na Pedra Angular do NT.

5. Em Inácio de Antioquia e nos Odes de Salomão (7)

Em sua Carta aos Romanos Inácio de Antioquia se envergonha de ser considerado membro da Igreja da Síria, pois não se considera digno para isso: E na Carta aos Efésios emprega "ser confundido" ao lado de "ter medo", no sentido de temor de Deus, pois assim espera que Deus não o levará a juízo. Nas Odes de Salomão o justo tem a consciência de que não será confundido, porque deposita sua esperança no Senhor.

Conseqüências para Flp 1, 19s

Não queremos afirmar que haja uma relação direta ou uma dependência entre Flp 1, 19s e todos os textos acima referidos; apresentamos apenas para mostrar que Paulo certamente buscou a certeza de em nada ser confundido na tradição espiritual de seus antepassados e em experiências pessoais de fé. Baseado nas considerações feitas, surge o seguinte quadro:

1. Entre o salmista e Paulo mostram-se idênticas e diferenciadas manifestações religiosas (8). Como o salmista, o Apóstolo está preocupado com os adversários. Contudo, sua atitude com relação a eles di-

(6) Lc 16, 3; 2 Cor 10, 8; Rom 1, 16; 9, 33; 1 Pe 2, 6; 4, 16; 1 Jo 2, 28.

(7) IgnRom 9, 1s; IgnEph 11, 1; Od Sal 29, 1.

(8) Supomos que a espiritualidade dos salmos era familiar a Paulo.

fere totalmente da de seu antepasado na fé. S. Paulo não deseja confusão nem aniquilamento para seus adversários. Pelo contrário, permite que continuem agindo, pois é de opinião que também eles servem à causa de Cristo (Flp 1, 15ss). Esta é uma atitude nova e desconhecida ao salmista. Poderíamos, por isso, denominá-la de atitude cristã, pois manifesta um otimismo tipicamente cristão, com a tese de que os hereges e os inimigos de Cristo, em última análise, também estão a serviço da verdade e da fé. Daí a certeza do Apóstolo de que não será confundido por causa de seus adversários. Além disto, Paulo está consciente de que a sua causa é a causa de Cristo — se ele for confundido, Cristo não poderá ser engrandecido — assim como o salmista possui a consciência de que a sua causa é a causa de Deus.

2. Em Rom 10, 9. 11 (cf. 9, 33), Paulo identifica a Pedra Angular da qual Isaías havia profetizado, com Jesus. Por isso a sua certeza de que: "Quem crê em Jesus, não será confundido". Sabe também que não será confundido, pois sua obra foi abençoada e sua prisão contribui, inclusive, para que Cristo seja ainda mais conhecido (Flp 1, 13s). A situação em que se encontra não lhe traz condenação, mas salvação.

3. O que o religioso de Qumrán espera de Deus, S. Paulo o espera de Cristo (9). O Apóstolo está consciente de que Cristo dirige o seu combate, assim como o monge de Qumrán tinha a consciência de que Deus estava dirigindo a sua batalha. Paulo está certo de que Cristo

levará a bom fim a sua causa, o que lhe é motivo de alegria (cf. v 18b). Com tal certeza, ele não invoca confusão, nem vergonha, para aqueles que o perseguem, como era praxe na espiritualidade de Qumrán (cf. I QH 9, 22) e dos salmos.

4. Filo e Paulo distinguem-se nos fins que perseguem. No entanto, são contemporâneos e vivem num mesmo ambiente cultural. Falam a mesma língua e, para as citações do AT, utilizam ambos a tradução grega da Bíblia, os LXX. Por isso, podemos supor, que os seus conceitos em geral são unívocos e que os escritos de Filo podem ser um auxílio para o entendimento de Paulo. Com base em Filo, poderíamos dizer que Paulo possui a certeza de "em nada ser confundido", porque está consciente de jamais ter prejudicado a paz e nunca se ter envergonhado de pregar a verdade, conforme seu chamamento (1 Cor 15, 3ss); além disso, sempre procurou fazer o bem e não se deixou levar por paixões desordenadas.

Resultado geral

Como resultado geral válido, baseado nas observações anteriormente feitas, permanece o seguinte: Paulo possui a consciência de que "em nada será confundido", porque conhece a sua fidelidade — observa as determinações do Senhor; não é pecador, mas servo de Cristo, logo, amigo de Cristo; espera em Cristo e dá testemunho do seu Evangelho; não corre atrás de ídolos, sua testemunha e pai é o próprio Deus (cf. Flp 1); não prejudica a paz, mas deseja paz a todos os filipenses; sua vida está de-

(9) Cf. J. Gnilka, *der Philipperbrief*, Freiburg (1968) p. 68.

terminada por Cristo e não por paixões desordenadas; sua obra é uma boa obra e, mesmo que se gloriasse ainda mais do poder que o Senhor lhe deu, não poderia por isso ser confundido.

Certeza de Fé e de Salvação

Paulo possui a convicção interna de que em breve novamente poderá engrandecer a Cristo em público, com toda liberdade. Esta, porém, é uma certeza baseada em experiências de fé e não em cálculos da razão humana. Certeza, portanto, carregada com a dialética do "já, mas contudo-ainda-não", como aliás muitas das certezas de fé. Certezas de fé não estão para a razão como certezas de ciências exatas, onde o efeito da reação pode ser previsto.

As experiências de fé, nas quais Paulo baseia a sua certeza, realizaram-se em dois níveis: através de situações na própria vida religiosa (cf. p. ex. Flp 1, 8ss), e através da tradição religiosa de seu povo, o que se confirma com a citação de Jó 13, 16 (isto me resultará em salvação), em Flp 1, 19.

Como Jó, encontra-se Paulo numa difícil situação, está encarcerado. Isto provavelmente o terá motivado a citar Jó. Segundo J. Gnilka (10), no entanto, esta citação adquire em Flp uma tonalidade diferente da que possui no seu lugar de origem. Tanto Jó como Pau-

lo contam com a salvação. Para Jó, contudo, a salvação consiste na libertação de males físicos; em Paulo, porém, seria errado julgar que apenas pensa na libertação dos grilhões. Para o Apóstolo, "salvação" sempre se refere às relações do homem com Deus e significa a salvação final, a qual o homem experimentará no último juízo. Igualmente, seria falso atribuir ao Apóstolo apenas a esperança de que tudo terminaria no melhor. Paulo certamente tem em mente a sua salvação final (11). Mas esta não principia apenas após a morte. Como muitas certezas de fé, também a salvação encerra a dialética do "já, mas contudo-ainda-não". Assim, com certeza, Paulo espera que os sinais de sua salvação já se manifestem aqui e agora. A prova de sua inocência e o engrandecimento de Cristo, esperado em Flp 1, 20, já é um aspecto desta salvação. A certeza da salvação, Paulo a busca na consciência de ser Servo de Cristo (v 1), assim como o salmista está consciente de ser Servo de Deus. Tal servidão não significa rebaixamento, mas amizade (12). Amizade que nasce das experiências religiosas com Deus. A prova de que tal amizade perdura verifica-se quando o homem possui esperança e confiança em Deus, quando o invoca e procura, quando observa os mandamentos divinos e deles dá testemunho, etc. Deus, por sua vez, confirma esta amizade

(10) O. c. p. 68.

(11) A salvação já principia no tempo presente, o seu pleno desenvolvimento será, no entanto, apenas no futuro. O sentido clássico de salvação, aparece ainda nas seguintes passagens de S. Paulo: Rom 1, 16; 10, 1. 10; 11, 11; 13, 11; 2 Cor 1, 6; 7, 10; Flp 1, 28; 2, 12; 1 Tess 5, 8.

(12) Nos tempos antigos o termo escravo nem sempre significava rebaixamen-

to. É certo que o servo devia ser submisso ao seu senhor, mas é interessante que Paulo nunca chame um simples crente de servo (doulos). Apenas homens com uma missão específica são assim denominados. No AT, os empregados da corte, muitas vezes, eram denominados de servos. Assim que, para Paulo, o termo "servo" assume quase a qualidade de título de honra, no sentido religioso.

escutando as orações de seu servo, ajudando-o e consolando-o.

Transpondo para Cristo, Paulo pode fazer sua toda esta realidade espiritual, ficando excluído qualquer perigo de "confusão". Mas o Apóstolo não pára aí, novos elementos surgem em suas considerações:

A oração da comunidade e o auxílio do Espírito de Jesus Cristo

Repetindo o que antes foi dito, Paulo fundamenta a certeza de sua salvação em experiências de fé. Experiências conquistadas por duas vias: pela tradição da história de salvação do povo eleito, e por vivências pessoais de fé. A certeza do Apóstolo, no entanto, não é apenas um conhecimento baseado no AT e em experiências pessoais internas. Paulo tem a consciência de que a sua salvação também depende da oração da comunidade e do auxílio do Espírito de Jesus Cristo (v 19). A contribuição pessoal que deve dar é a expectativa e a esperança na salvação própria.

A oração desejada por Paulo no v 19 deve ser entendida como oração de petição, o que corresponde ao conceito mais comum de oração no AT e NT, onde normalmente as orações são petítórias, motivadas por situações concretas. Mas, oração ali também pode ser simplesmente expressão da religiosidade em geral, por palavras ou obras, ou orientação individual da mente a Deus, sem fim específico. Em Flp, no entanto, a oração que Paulo deseja da comunidade só pode ser entendida como oração de petição

que, com o auxílio do Espírito de Cristo, lhe garantirá a salvação.

A. Dietzel (13) descobre, no conceito de orar de Paulo em Flp 1, uma analogia com a "oração em espírito" da comunidade de Qumrán, onde só a oração feita com o auxílio do Espírito Santo justifica o pecador e é agradável a Deus. A suposição de Dietzel, no entanto, parece pouco provável e, ao meu ver, não pode ser comprovada com Flp 1. Pedindo orações à comunidade e esperando o auxílio do Espírito de Cristo, Paulo apenas mostra a consciência de que sua justificação ainda não está garantida. A sua salvação final continua dependendo de diversos fatores. A certeza de salvação que possui, por isso, só pode ser uma certeza na esperança. Fora desta esperança não existe, para o Apóstolo, conhecimento nem segurança. A segurança, por sua vez, só acresce à esperança, se a oração da comunidade e o auxílio do Espírito de Cristo não falharem.

Esperar com expectativa e esperança

S. Paulo circunscreve a sua esperança com os termos *apokaradokia* (expectativa) e *elpis* (esperança). Estes dois conceitos, propriamente, exprimem a mesma atitude humana: esperança. Paulo, no entanto, não os deve ter empregado por pura casualidade, pois neles aparecem dois momentos da esperança paulina. Estes dois momentos, na minha opinião, poderiam ser distinguidos, compondo v 19 e v 20 no seguinte fraseado:

Isto me servirá de salvação —

(13) A. Dietzel, *Beten im Geist*. Theol. Zeitschrift, 13 (1957) p. 12-32; veja

ainda H. Braun, *Qumrán und das NT*, vol. I, p. 179.

1. Através da vossa oração — conforme minha expectativa.
2. Através do Espírito de Jesus Cristo — conforme minha esperança.

Nesta coordenação de frases, que possivelmente esteve no pensamento de Paulo, a "expectativa" se refere à oração da comunidade e a "esperança" ao auxílio do Espírito de Jesus Cristo. Tal referência segue-se também no sentido de *apokaradokia* e *elpis*. G. Bertram fez uma análise de *apokaradokia* e descobriu uma série de nuances no sentido deste termo (14). Segundo Bertram, ele exprime uma esperança carregada de tensão: o estado do espírito humano pairando entre a certeza e a incerteza sobre a realização futura de suas esperanças. Na literatura da antiga Grécia, *apokaradokia* foi empregado para descrever o estado de alma dos soldados que vão para a guerra com ânimo de vencer, mas que ante as forças inimigas ficam com a esperança incerta da vitória (15); o termo também descreve a expectativa daquele que encaminhou um pedido ao governo e espera com ânsias a visita da autoridade competente (16).

Com relação a Flp 1, 20, Bertram julga que S. Paulo quis exprimir com *apokaradokia* a expectativa puramente humana perante a salvação, prometida por Deus. Tal momento subjetivo da esperança nunca levaria a uma certeza e conduziria o homem ao desespero, se Deus não lhe desse a *elpis*, pela qual o crente pode confiar com

certeza de fé na promessa salvadora de Deus (17). Bertram teve razão em deixar *apokaradokia* no nível do puramente humano e relacionar *elpis* com Deus, pois, na história das religiões, *elpis* significa sempre a esperança em seres supraterrêneos ou em objetos sobrenaturais relacionados com uma promessa divina (18). Em linguagem cristã, *elpis* é a esperança em tudo o que se refere à salvação, prometida por Deus ao homem através de Jesus Cristo: fomos salvos na esperança (Rom. 8, 24). O objeto da esperança, contudo, ainda não é visível e temos que esperá-lo com paciência (Rom. 8, 25). Este "esperar com paciência na justificação" (*elpis*) não é uma estado de alma que se possa conquistar com as próprias forças, mas um dom do Espírito Santo (Rom 15, 13).

Se por um lado Bertram teve razão em suas considerações, por outro cometeu a mesma falha de grande parte dos exegetas, que omitem na explicação de Flp 1, 20 um elemento importante. Esquecem a importância da oração, no pensamento de S. Paulo, e atribuem a esperança do Apóstolo na salvação apenas ao auxílio do Espírito de Jesus Cristo. Na verdade, Paulo anseia pela oração da comunidade com a mesma intensidade com que espera o auxílio do espírito de Cristo. Estes elementos de salvação estão por isso, para ele, no mesmo nível, ou melhor, se complementam. Pelo socorro de Cristo, Paulo, em si, já não tem

(14) G. Bertam, *Apokaradokia*, Zeitschrift für neutestamentliche Wissenschaft 49 (1958), pp. 264-270.

(15) Heródoto 8, 168

(16) Num papiro do 6 século d. C., encon-

trado em Afrodite no Egito.

(17) Bertram, o. c., pp. 265s.

(18) Cf. Bauer, Wörterbuch zum Neuen Testament, referente à palavra *elpis*, col. 501s.

motivos de temer, pois preencheu todas as condições para obtê-lo, por isso pode esperar com *elpís* nesta ajuda. No entanto, no que se refere à oração da comunidade, não pode possuir a mesma certeza de que será atendido, já que em toda resposta humana há um momento de incerteza. E aqui Paulo tem motivos especiais de não contar de antemão com uma resposta positiva, pois considera a resposta da comunidade como uma demonstração a favor ou contra ele. Mas além da incerteza, *apokaradokia* também exprime a esperança ansiosa. De modo que Paulo, provavelmente, empregou este termo para dar a entender aos Filipenses o quanto esperava por sua oração, já que dela faz depender em parte sua salvação. Isto não deveria ser interpretado como desconfiança para com a comunidade, mas como provocação para que demonstrassem mais uma vez a fidelidade para com o Apóstolo. Se apenas dependesse dele, não teria dúvidas em contar com esta oração, pois a oração da comunidade seria como que um eco à sua oração por ela (cf. v 3s), mas Paulo está consciente de que a resposta duma comunidade inteira pode revelar imprevistos. No pensamento do Apóstolo, toda comunidade, para permanecer fiel, necessita de constante animação (cf. Flp 1, 27ss; 2, 12ss). Conseqüentemente não sabe até que ponto os Filipenses ainda estão no bom caminho. A confirmação dos temores de Paulo encontramos-a em Flp B (19), onde aparecem os perigos em que a co-

munidade de Filipos se encontrava.

Num segundo passo, podemos supor, com Bertram, que Paulo empregou *apokaradokia* para expressar a insegurança subjetiva do homem perante a promessa salvadora de Deus. Ensinaria assim a Carta aos Filipenses, pela primeira vez, o "dualismo" soteriológico que mais tarde adquire forma em Rom 7, 22ss. Em Flp esta doutrina estaria restrita à esperança: certeza na fé, por causa da promessa salvadora de Deus: incerteza na realização desta esperança, porque seu objeto só é atingível no futuro. Mas, para exprimir tal estado de alma, não teria sido necessário empregar dois conceitos diversos, pois já por si *elpís* inclui estes dois elementos da esperança: certeza de que Deus será fiel às suas promessas; incerteza porque a esperança ainda não se realizou no caso concreto da pessoa que espera. Paulo ensina que quem espera na fé, não será confundido (cf. Rom 5, 4f), mas isto o crente não pode ver, apenas crê (cf. 2 Cor 5, 7). Se os Filipenses reagissem positivamente, a esperança do Apóstolo estaria completa e, sem dúvida, poderia em breve engrandecer a Cristo publicamente.

Engrandecimento público de Cristo

O aspecto público do engrandecimento de Cristo aparece através do conceito *parresia*. Na linguagem política da época este termo significava a liberdade na democracia, e isto em três momentos (20):

(19) A parte B da Carta aos Filipenses consta de Flp 3, 1b - 4, 1. 8s. Os motivos desta divisão podem ser vistos na introdução da obra de J. Gnllka, *Der Philippbrief*.

(20) Schlier, *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, pp. 869-884, oferece grande número de passagens que indicam o desenvolvimento dos diferentes sentidos de *parresia*.

— O direito de tudo dizer: o cidadão da pólis grega tinha o direito e o poder de expressar-se livremente.

— A tendência para a verdade, i. é, a expressão da verdade das coisas.

— A coragem de enfrentar todo aquele que quisesse impedir o direito de tudo dizer: por isso também a coragem de enfrentar todo aquele que quisesse restringir ou impedir que a verdade aparecesse publicamente.

Na linguagem religiosa, *parresia* conservou mais ou menos o sentido político, claro, com algumas nuances. Em Jó significa o livre e alegre dirigir-se a Deus (21). Quem possui *parresia* tem acesso livre a Deus (22). A condição para obter *parresia* é a justiça. Por isso, o justo possui *parresia* e ele a manifesta na oração (23), o que significa ser livre e transparente para Deus, donde vem alegria espiritual. Em S. Paulo *parresia* significa poder apresentar-se livre, confiante e transparente perante Deus (2 Cor 3, 12) e os homens (Flp 1, 20; 1 Tess 2, 2). Em Flp 1,19s parece sugerir-se que tal *parresia* vem do Espírito de Cristo. Quando Paulo ali manifesta a esperança de engrandecer a Cristo — *en páse parresia* — isto não significa apenas que ele espera que Cristo seja engrandecido publicamente, mas também que este seu aparecer em público confirme a sua inocência e justiça. Por isso é provável que Paulo empregou o termo *parresia* para dizer aos Filipenses que estava convencido da própria inocên-

cia. E já que este termo está ligado mais vezes com uma nota alegre, Paulo voltaria com o v 20 ao conteúdo de 18 b, onde se alegra com a certeza de que a sua situação lhe servirá de salvação. Assim o seu aparecimento em público será novo motivo de alegria. Mas este alegre aparecer em público não será para honra e proveito seu, e sim para engrandecimento de Cristo em seu corpo. Para compreendermos melhor o que Paulo quis significar com esse engrandecimento de Cristo, servem de auxílio diferentes passagens da antiga literatura religiosa. •

1. No AT (LXX) (24)

No saltério, o devoto israelita engrandece a Deus pela oração. Nesta oração segue o esquema amigo/inimigo de Deus. Adversário do Senhor é quem se mostra contra o orante servo de Deus, pois este identifica a sua causa com a causa do Omnipotente. Aos adversários, o salmista deseja confusão e vergonha; alegria e júbilo, no entanto, àqueles que dizem: “Engrandecido seja o Senhor Deus” (Sl (LXX) 34, 27; 39, 17; 69, 5). O servo de Deus se encontra entre o perigo e a salvação, entre seus inimigos e Deus. Nesta tensão, engrandece a Deus. Não porque tivesse receio de que seus inimigos pudessem vencer, mas sim como invocação de Deus, para que o Senhor possa mostrar a sua grandeza e os adversários tenham que reconhecer a perdição em que se encontram. Deus, no entanto, mostra a sua grandeza salvando o

(21) Jó 22, 23-27; 27, 9s.

(22) Ao lado das passagens de Jó (nota 21), veja também Sab 5, ls. 5. 15s.

(23) Prov. 13, 5; Jó 22, 23-27; 27, 9s.

(24) Sl 33, 4s; 34, 26s; 39, 15-17; 56, 11; 68, 30; 69, 5; 103, 1; Slr 43, 31; Mal 1, 5; 2 Rs 7, 22. 26.

seu servo (cf. Mal 1, 5). O devoto do AT adora a Deus normalmente após experiências concretas com ele. Fica então consciente dos próprios limites e da grandeza de Deus que lhe traz salvação (Sl 33, 4s; Sir 43, 31). Estas são experiências concretas que o devoto faz com os olhos (Mal 1, 5) e com os ouvidos (II Rs 7, 22), que o movem a querer engrandecer a Deus por toda a eternidade. Através deste engrandecimento, manifesta também uma imagem típica de Deus. Javé é um Deus fiel, compassivo (Sl 56, 11) e salvador (Sl 33, 5); ele escuta a oração de seu devoto, ama a justiça e a paz, e aborrece quem não a procura (Sl 34, 26s; 39, 19; 69, 5); os homens não conseguem engrandecê-lo como lhe convém (Sir 43, 31); Deus está coberto de louvor e beleza (Sl 103, 1); mostra a sua grandeza agindo em favor do homem — revela a sua essência agindo no homem. Segundo a consciência do salmista, Deus confunde e destrói quem oprime à justiça e a paz; aos que o procuram, no entanto, traz salvação e alegria. O devoto israelita, no AT, engrandece a Deus, enquanto reconhece na oração as virtudes do Onipotente e o seu agir no homem. Através desta ação divina, o homem descobre o que ele é e o que Deus é.

2. Nos escritos de Qumrán (25)

Em I QH 4, 23ss o “Mestre da Justiça” manifesta a consciência de que Deus se mostrou forte participando a ele os seus mistérios. Como retribuição, o justo comunica

aos outros as suas experiências com Deus. No entanto, não se sente digno de engrandecer as maravilhas de Deus, pois sabe que é formado de pó e é pecador desde o seio materno. Nesta reflexão, aparecem três momentos da espiritualidade de Qumrán: experiência de Deus, comunicação desta experiência e consciência dos próprios limites em contraposição com a grandeza de Deus. Em 5, 25, o devoto interpreta as suas dificuldades como queridas por Deus. Assim Deus poderá mostrar tanto melhor a sua grandeza através de seu servo. Pensamento semelhante aparece em I QM 11, 13ss. Deus edificará para si um nome eterno no seu povo, fazendo aparecer toda a verdade no seu julgamento. Na vitória da verdade mostrará toda a sua grandeza. Em 18, 6s todos são convidados a louvar o nome do Deus dos deuses, pois grandes coisas realizou em seu povo, dando auxílio e manifestando fidelidade.

Em Qumrán Deus é digno de ser engrandecido porque não cobriu de vergonha o rosto daqueles que se deixam instruir em seus mistérios; porque faz vencer a verdade; porque é fiel ao seu testamento, auxiliando o seu povo e entregando os pecadores e opressores dos povos nas mãos de seus “pobres”.

3. Em passagens do NT (26)

Lucas combina o engrandecimento com a alegria. Maria engrandece o Senhor e se alegra, porque o Senhor olhou para a baixeza de sua serva e nela realizou gran-

(25) I QH 4, 23ss; 5, 15s. 24ss; I QM 11, 13ss; 18, 5ss.

(26) Lc 1, 46s. 58; At 5, 13; 10, 46; 19, 17; 2 Cor 10, 15s.

des coisas (1, 48s); vizinhos e parentes se alegram com Maria, porque o Senhor nela manifestou a grandeza de sua misericórdia (v 58).

Nos Atos dos Apóstolos, o engrandecimento está combinado com o temor e a admiração, e isto sempre após uma experiência de fé (cf. 5, 12s); os fiéis engrandecem a Deus após a vinda do Espírito Santo (10, 44ss).

Aplicação a Flp 1, 20

Tentando tirar, das considerações feitas, uma contribuição para o entendimento de Flp 1, 20, constatamos, entre esta passagem e a espiritualidade do AT, tendências comuns e divergentes. Algumas dessas tendências já as havíamos verificado, quando analisamos a expressão "em nada serei confundido". Eis as principais:

1. — Assim como o salmista procura o engrandecimento de Deus, Paulo quer o engrandecimento de Cristo.

— O salmista identifica a sua causa com a causa de Deus; Paulo tem a consciência de que a sua causa é a causa de Cristo.

— O servo de Deus, no saltério, pode vergonha e destruição para seus adversários; Paulo é generoso com os que são contra ele, pois sabe que, em última análise, também eles contribuem para a causa de Cristo.

— O servo de Deus não procura vantagens próprias, mas o engrandecimento de Deus, assim Paulo não procura o seu engrandecimento, mas o de Cristo.

— No AT, Deus traz a salvação;

para Paulo, a salvação vem do Espírito de Jesus Cristo.

— No saltério, o devoto orante engrandece a Deus através de aclamações de júbilo; Paulo quer que Cristo seja engrandecido em seu corpo.

— O devoto do AT fica motivado para o engrandecimento de Deus através de experiências de fé; da mesma forma Paulo, para o engrandecimento de Cristo.

— No AT, mostra-se, em combinação com a forma de engrandecimento de Deus, uma imagem característica desse Deus; Paulo reflete em Flp 1, 19s a importância que Cristo ocupa em sua vida.

2. — Em I QH 4, 27ss Deus se mostra forte e grande, quando age maravilhosamente no justo. Deus permite calúnias e difamações contra o justo para que ele tanto mais possa mostrar a sua grandeza através de seu servo (I QH 5, 25). O justo possui a certeza de que encontrará auxílio pelo fato de já mais vezes ter sido socorrido por Deus.

Em alguns pontos Paulo se aproxima desta espiritualidade de Qumrán. Claro, com a diferença de que refere a Cristo o que lá se atribui a Deus. Como o justo em Qumrán, Paulo poderia dizer, com relação a Cristo: "Por mim iluminaste o rosto de muitos... e através do teu maravilhoso mistério te mostraste forte em mim..." (cf. I QH 4, 27s). Através de Paulo, muitos entraram na comunidade de Cristo e Cristo agira maravilhosamente nele (em Damasco!). No entanto, em Flp 1, 18b-20, Paulo não se interroga se é digno ou não de engrandecer a

Cristo (cf. I QH 4, 29). Parece possuir a consciência de sua dignidade e isto, provavelmente, com base nas experiências de fé. As difamações que seus adversários espalham contra ele, só servirão para que Cristo ainda seja mais conhecido (Flp 1, 13s), assim como Deus permite as difamações de Qumrán para poder mostrar melhor a sua grandeza (I QH 5, 25). Paulo não relaciona explicitamente o engrandecimento de Cristo com a condenação de seus adversários (compare I QM 11, 14s), mas certamente também o Apóstolo pensou em julgamento: o engrandecimento de Cristo em seu corpo será, ao mesmo tempo, a derrota de seus adversários, pois assim se manifestará de que lado estava a verdade. Paulo está consciente de que Cristo realizou nele grandes coisas e agiu maravilhosamente.

Considerações finais

Na nossa análise, transparece que o engrandecimento de Deus (Cristo) é fruto de experiências de fé. No AT, o devoto engrandece a Deus, por ele o ter atendido e salvo. E porque Deus assim se interessa pelos justos, eles são convidados a se alegrarem com júbilo. Para os pecadores, no entanto, deseja-se vergonha e aniquilamento. O engrandecimento de Deus é, portanto, um voltar-se para o Onipotente, reconhecendo as suas virtudes. O salmista engrandece a Deus através de aclamações; em Sir e II Rs o engrandecimento parece realizar-se mais através de obras concretas na vida, que são uma retribuição à ação de Deus no homem (assim, na maioria dos casos, em

Qumrán). Tal agir do Senhor no homem, motiva também o engrandecimento de Cristo no NT. São, portanto, as experiências de fé que fazem brotar a iniciativa para o engrandecimento de Deus (de Cristo).

O "engrandecer" do Senhor pode verificar-se por duas modalidades: ou o homem engrandece a Deus, ou Deus mostra a sua grandeza no homem. Em ambos os casos, o homem é o objeto onde a grandeza de Deus se revela. Mas esta revelação só se realiza no fim dum processo de fé. O que nos diz que a esperança de Paulo no engrandecimento de Cristo em seu corpo não pode ser uma esperança isolada, mas integrada numa série de esperanças que cresceram com as experiências que fez com Cristo. Todas estas esperanças se resumem no engrandecimento de Cristo em seu corpo (i. é, em sua pessoa).

Paulo não quer a sua grandeza, mas a de Cristo. Ele sabe que o homem, enquanto vive nesta terra, permanecerá no nível do humano, entre os perigos da perdição e a esperança da salvação, entre a vida e a morte. Por isso, o engrandecimento de Cristo não supõe o sucesso na vida terrena, mas a esperança na salvação que vem do Espírito de Jesus Cristo.

Se Paulo fala no engrandecimento de Cristo em seu corpo, isto só pode significar o engrandecimento de Cristo em sua pessoa. Emprega o termo *soma* apenas para circunscrever a sua pessoa. O centro de suas atenções é Cristo. Mesmo que se encontre numa situação difícil, encarcerado, longe de sua comunidade, não está amargurado, mas espera em Cristo. Sa-

be e confia que em nada será confundido, pois sua vida está de tal forma dominada por Cristo que as suas dificuldades só poderão servir para a glória do Senhor. Por isso, as suas preocupações não estão centradas primeiramente em si

mesmo, mas sim na comunidade. Dali espera orações por ele. E esta oração, juntamente com as suas esperanças e o auxilio do Espirito de Cristo, lhe serão o sinal certo de que tudo o que sofre lhe servirá de salvação.